

Organização

Iasmim Santos Silva
Maria Carolina de Andrade Freitas
Miguel Levi de Oliveira Lucas
Renata Gonçalves de Melo
Thauany Duarte Diniz



fogo-fátuo

2020

Organização

Iasmim Santos Silva

Maria Carolina de Andrade Freitas

Miguel Levi de Oliveira Lucas

Renata Gonçalves de Melo

Thauany Duarte Diniz

fogo-fátuo

Divinópolis (MG) – 2020

F656

Fogo-fátuo [recurso eletrônico] / Organizado por Iasmim Santos... [et al.] . –
Divinópolis : [s.n.], 2020.
38 p. : il.

Disponível em: <http://www.uemg.br/divinopolis>

ISBN: 978-65-00-14679-0

I. Literatura brasileira - Poesia. I. Silva, Iasmim Santos. II. Freitas, Maria Carolina de Andrade. III. Lucas, Miguel Levi de Oliveira. IV. Melo, Renata Gonçalves de. V. Diniz, Thauany Duarte. VII. Universidade do Estado de Minas Gerais. V. Título.

CDD: B869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Ficha catalográfica: Marlene Maria Ribeiro CRB-6/1851

Expediente

Coordenação

Maria Carolina de Andrade Freitas
*Professora do curso de Psicologia da UEMG
Divinópolis e coordenadora do projeto de
extensão “Estudos transversais em Educação:
arte, memória e criticidade”*

Arte da capa, projeto gráfico e diagramação

Diêgo Garcia
Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis

Apoio de montagem

André Camargos
Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis

Apoio e revisão

Elvis Gomes
Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis

Ilustrações

Ângelo Andrade

Apresentação

Uma experiência feita por pontos. Costura ziguezagueante por condição. Arremata conexões-sementeiras aguardando o curso dos fluxos explodir acontecimentos, frente ao abismo, na abertura ao mar-horizonte. Produção de novos relances. É preciso navegar. Procura de aventura polifônica, que ressoe outras melodias, que encare a estridência da catástrofe e a contorne até onde possível, invertendo-a a direção e implodindo-a. Torcer. Feituras de avesso, torceduras, aposta (Ginzburg, 2001). “Fogo-fátuo” situa uma experiência em meio à pandemia de Covid-19 de produção de saraus poéticos e diários de quarentena como uma ação do projeto de extensão “Estudos transversais em Educação: arte, memória e criticidade”, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Divinópolis. A iniciativa envolve os cursos de História e Psicologia em trabalho interdisciplinar. Percorre e conclama a comunidade acadêmica e a comunidade externa para, em comunhão, implementar um fazer que extrapole o golpe político e a crise sanitária que experimentamos, a fim de enfrentar o distanciamento social imposto pela pandemia e as dificuldades de trabalho remoto encontradas diante das urgências em curso.

Sumário

Ruth Batista

Entre amores 8

A sandália e o congelador 9

Miguel Levi

Oceano II 11

Ângelo Andrade

Poema Ainda sem Título 11

Poeminha maroto 12

Ana Paula Patrocínio

25/06/20 12

Cristiane Brememkamp Cruz

INSONE 14

UMA CARTA PARA O TEMPO 16

Glicério do Rosário

Encantoar 17

Sarah de Souza Cardoso

Sem título 17

Marconi Fonseca	
<i>entre deus e a janela</i>	19
<i>o dia em que fiquei azul</i>	20
<i>quando é ainda será</i>	21
Patrícia Peterli	
<i>CARTA PARA A PRESENÇA DE OTÁVIO</i>	23
<i>LEMBRETES NO OLHO DO CAOS</i>	26
Marina Fortunato	
<i>LEMBRETES NO OLHO DO CAOS</i>	28
Dimitri Fortunato (8 anos)	
<i>(Título em aberto para livre interpretação)</i>	30
<i>Poema que é poema</i>	30
Carolina Rocha	
<i>Os confinados</i>	31
m o	
<i>Sem título</i>	33
Maria Carolina Freitas	
<i>Marco Marciano</i>	33
<i>Diários de Quarentena</i>	35
Maria Luisa de Andrade Freitas	
<i>Sem título</i>	37

Ruth Batista

Entre amores

Essa noite o amor vai vestir traje novo.

O amor (dos enamorados) consciente sabe que não deverá sair às ruas, aos bares, aos motéis, aos shoppings como sempre fez durante anos.

Essa noite não!!!

Não há presente para o amor, se não for possível avistar um futuro que o sustente.

O amor fragilizado foi visto, na véspera de hoje, pedindo conselhos ao sábio amor, pois temia não encontrar estratégias para sobreviver em tempos difíceis.

O sábio amor, experimentado pelas linhas do tempo, sussurrou ao jovem amor: encontre jeitos, se preciso for, alinhave, costure memórias com folga, sem apertar muito para não romper suas delicadas linhas.

Lembre-se, o mundo anda torto.

Tem anéis afrouxando nos dedos, em desamor.

Mas não se iluda!

Há amantes por todo lado.

Em pandemia, espalhando-se por aí, o amor escolheu vestir seu melhor traje hoje.

Sem se importar para onde ir.

Ele só quer ficar.

Ele sabe que sua luta é continuar.

É luta por existir.

Ser amor há de continuar sendo sua maior conquista.

Junho/2020

Ruth Batista

A sandália e o congelador

Existe uma ordem de utilidade e estética para todos os utensílios desde sua concepção.

Nos ensinaram assim.

Seguimos, anos após anos, transmitindo o apreendido.

Veja o exemplo da sandália guardada no congelador.

Na base da lógica, a sandália está para o armário assim como o gelo está para o congelador.

No sentido estético, a sandália desorganiza a percepção de utilidade.

A moral logo argumenta em assombro: – a sandália erra ao se apropriar do congelador desse modo, e isso não pode acontecer.

Resta a ética afirmar a potência do ocorrido transformando-o em cuidado.

Se a memória pode operar em desvios, margeando sensações, traçando novos acoplamentos por linhas de conexões, ainda que estilhaçadas, qual seria mesmo a função do congelador?

Poderia ele, em expansão, cortar o tempo do sentido e acolher uma sandália?

Tornando-se um armário com porta de nuvem fria e esfumaçada?

A memória anda frouxa e brinca nas franjas dos acontecimentos.

E enquanto isso a sandália, feliz, congela no congelador.

Voo de origamis



Miguel Levi

Oceano II

Quase cinco da tarde
me apareceu oceano.
Eu escalé.

O vento urrava
o sal cegava
as ondas maiores que o mar

Eu olhei para o oceano
encarei-o
ele olhou de volta
Eu, que nunca fui bobo,
fechei os olhos.
Tive medo.

Ângelo Andrade

Poema Ainda sem Título

Um dia, me vi em Drummond
Talvez porque...
Tenho Andrade em meu nome
Talvez porque estou ficando calvo
Talvez porque tenho fome
Assim que nem ele
Sou de Minas
Perco-me pelas esquinas
No caminho há uma pedra

E nele prossigo.
Como José para onde?
Tenho Andrade em meu nome
Não sou Drummond
Mas tenho Fome.

Ângelo Andrade

Poeminha maroto

Quem me dera uma política com bons homens e
boas mulheres
Quem me dera que todos tivessem cheias as suas
colheres
Que a saúde não estivesse doente
e que a educação e a cultura fossem da gente
Que os partidos não tirassem partido
Que tudo fosse igualmente dividido.

Ana Paula Patrocínio

25/06/20

Em meio às brasas da fogueira da ressaca de 24 do
João
Que não se acendeu e por isso não conseguiu
apagar esse terrível incêndio
Sente-se o trepidar das in-fâncias em chamas...
...
Inesperadamente um feixe de luminosidade se
acende no alumiado da fogueira que não se acendeu...
...

Sente-se um sopro de brisa vindo lá das entranhas
de um território pulsante.

Pés descalços sapateiam a terra criando ondas
sonoras capazes de acordar os espíritos protetores
da vida na mãe-terra Brasilis.

Ondas emitidas pelos sons dos cantos de
passarinhos que vibram na intensidade sonora dos
pés em meio ao trepidar das chamas insistentes.

Um coração antes gélido e sem esperanças...

De um corpo dolorido e cansado...

Profundamente doído das dores do mundo... que,
mesmo em frangalhos,

Sente no sopro da brisa,

Um pulsar de vida capaz de aquecer por instantes
um coração que, aos pulos, brinca com a
emergência de petecas em construção.

Entre uma dobra e outra... Uma linha desejanse se
insinua: intrigante, chapiscada e vibrante.

Linha estendida silenciosamente por um olhar que
socorria e pedia socorro invadindo completamente
um corpo.

Nesse movimento de vida, entre o trepidar das
chamas, ouvem-se gargalhas, mas também um
silêncio que pede passagem para um cuidadoso
trabalho do pensamento: corpo brincante que
deseja vida vibrando por entre as chamas e
chapiscos...

Desliza por entre elas e insiste em lutar pela
vida que se expressa em um fazer simples
num encontro ordinário perdido em meio ao
bombardeio de fagulhas de fogo;

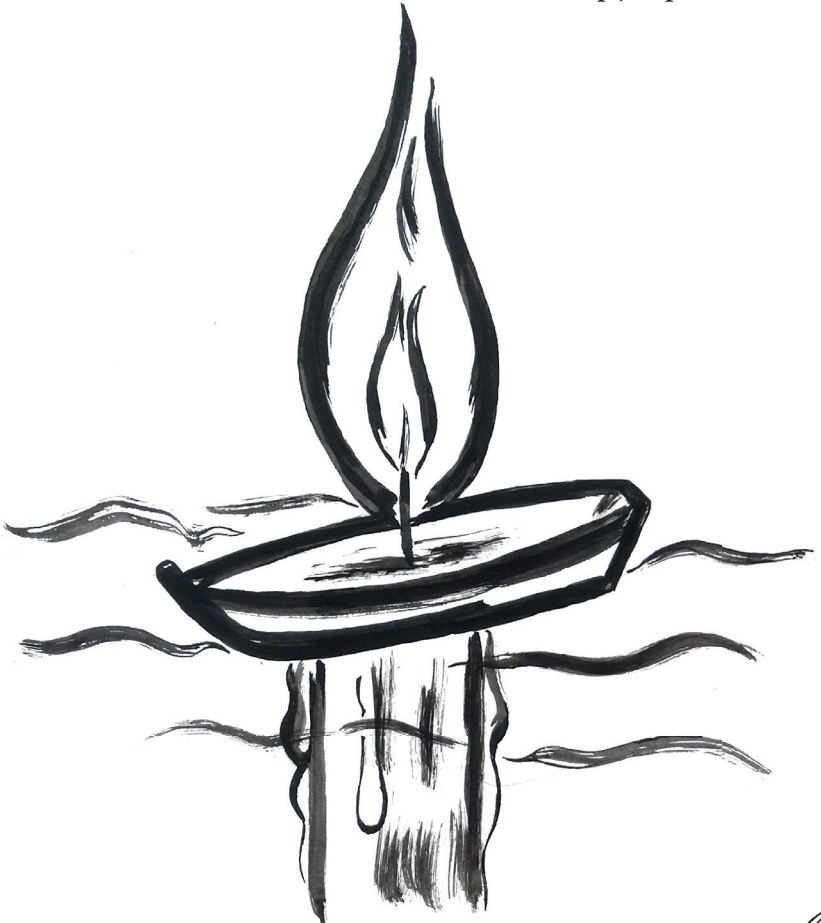
Força in-fante convoca-te à luta.

Cristiane Brememkamp Cruz

INSONE

Caixotes e fitas isolantes e copo que se estilhaça no chão. Tudo acontece no calor do quarto ao lado. As pessoas irão se mudar. Ouço ruídos. Do lado de cá a insônia toma conta de mim como babá que não canta de ninar senão o “Boi bumba meu boi”. Dispo-me ponho a escrever na tentativa de provocar uma mutação sensível no estado de mal-estar em que me encontro. Esforço-me por conectar corpo e espírito para em seguida dormir em paz. Mas a insônia segue babá. E o boi bumbá surge sem língua, vestido a amarelo-ouro e lenço vermelho, reclamando não poder dizer um sonoro SIM. Tento jogá-lo pra longe, apresso por chicoteá-lo no lombo e segurar-lhe os chifres. E embora o boi bumbá já sem língua, restam-lhe quatro patas de elefante. Gordo e pesado sou pisoteada; o nariz empinado esconde tromba. Vou até a janela e olho a lua, miro-a profundamente. Está minguante e desbotada. Desvio ao poste que reluz ao cume, tão concentrada que lhe dou de cara. Já é outro dia, ainda ontem. Avançada acordo. Há um tigre em mim pintando equipar-se ao desenhar letras no papel. Reinam bichos e feras de corpo a esmo. Na dobra insônia há perplexidade e selva. O encontro a contrapelo é intensivo e empenho-me em decifrar os signos que compõem a paisagem ofuscada de luz. Meu corpo reluta em concebê-lo, pois mis ojos não conseguem acompanhar os fótons se desmanchando e recompondo – só o percebem como bicho-papão de energia alheia. A luta é já comigo desde a qualidade que o movimento não emerge – Estanque. Aciono então o para-brisa, e de um lado a outro, limpo o imponente ponto de vista, rasgando-lhe as entranhas e revolvendo as suas feiuras, destruindo a casca de nozes que o envolve em dureza. Uma voz ecoa: “Sempre há luz”. Caio de pálpebras.

Concepção poética



Cristiane Brememkamp Cruz

UMA CARTA PARA O TEMPO

Ah, tempo! Meu tão companheiro – por que agora grita assim, tão distante? Andas tão estranho, já não sei. A cada balbucio meu, vai de berros. A cada passo meu, vai de cinco ou mais. Dessa feita, já não precisará de trompete e rompantes para anunciar meu desconforto. Assim é que me sinto. Diz que vai pra longe, para onde suportem seu barulho miúdo... Do lado de cá, chateio. Oras, sei que são de tua natureza o silêncio e o passo curto. Mas por que me encurrala e envolve em situações paradoxais? Por um lado, não para de gritar aos meus ouvidos zumbindo que seja escutado às pressas e, por outro, exige cumprir, silencioso, tua tarefa. Assim me complica, não vês? Chego a achar que há dois de vós, distintos: um que é manso e acolhedor das ressonâncias que nos afetam e outro que, de tão caxias, esquece sua dimensão de espessura experiencial. Perceba, meu bom amigo: precisamos sintonizar nossos timbres de voz! Gosto tanto mais de você quanto mais dadivoso me chega – contagiado por uma gotícula de chuva que cai e silencia. Mas não é assim que tem se portado ultimamente – avesso ao que nos move quando encontramos signos da Vida. Tudo bem, não te preocupes, sei que tenho parte no ocorrido contigo, neste seu jeito torto e utilitário de me acompanhar. Por isso lhe escrevo com tanto apreço. Como fazemos para nos reconciliar? Venho pedir em nome de nós que não existimos senão juntos. Em nome de uma relação que nos seja mais libertadora. Eu agora te acolho desejosa de abirmos um espaço de ressonância entre nós. Escuta-me, bom amigo, haveremos de nos compor com um brilho definido! Como na canção que já não paro de escutar... Um ponteiro girado ao contrário nos espera! Haverá de ser esta

a nossa conciliação: uma canção alegre de pausa, uma voz sussurrada de interrupção. Já não se trata de pegar velocidade, você me ensina, mas de mudar de direção. Esta é a sua natureza demorada (a que enamoro...). Entendas, contudo, o quanto me é difícil, tendo em vista que sua outra ponta, também você, me agarra e empurra pedindo ação. Ah, tempo! Haveremos de continuar esta conversa, vagarosa, porquanto continuarmos a vida...

Glicério do Rosário

Encantoar

Nossa terra já foi encantada
Seres encantados
Tupi, Tupã, Irmão urubu
Hoje, terra doente
Seres encantoados
Toadas sufocadas
Pajelanças azedadas
Grileiros grotescos genocidas gargalham
Barganham, afrontam, azurram
Mastigam cantos sagrados
Ressecam gargantas de rios
Cipós sem nós
Florestas sem xamãs, sem Caiapós
Mas um índio virá
Quiçá das raízes comunicantes
De comunidades de árvores que,
Tramando subterraneamente,
Forjando substâncias
De um novo índio que virá

Quiçá em outra forma vital, virtual
Quiçá viral
Irmanando todos e todas
Contemporaneamente
Até mesmo um imbecil presidente
Que pretende civilizar grotescamente
Seres que já foram encantados
Donos dessa terra, poeticamente
Esta civilização encantada precisa vir..
Virá que eu vi

Sarah de Souza Cardoso

Produções de textos, no meu ponto de vista,
precisam ser sentidas.

Meus textos chegam até mim como uma convocatória, muito mais do que uma demanda de escrita, é uma demanda de sentir. Minhas produções escritas são reverberações daquilo que ecoa em meu ser, como um sistema arborescente, rizomático, que flui sem ponto de partida ou de chegada. Apenas fluxo constante.

Escrever, no entanto, não é uma tarefa fácil; é árduo. Pois trata-se de colocar para fora aquilo que transborda por dentro. Fora e dentro são polaridades não tão extremas, pois tudo é dentro e fora. Tudo forma e deforma. Escrever é revelar descontinuidades que vislumbram passagens possíveis dos devires e das forças menores. Escrever é capturar o ínfimo, mesmo que a captura também seja passageira. Possibilitar uma escrita que passa pelo fronteiroço torna-se tão desafiador quanto tentar tamponar sua vazão.

Não, escrever sobre o que transborda não é fácil,

não é lógico – afinal do que se trata a lógica? A colonialidade estabelece lógicas a serem seguidas que emergem do próprio fracasso, então pra que buscá-la? O fluxo da arborescência não comporta a racionalidade ocidental e escrever trata-se de experimentações das tramas e dos enlaços que nos afetam. É sobre tramar afetos que ligam mundos possíveis entre passado, presente e futuro, criando presentes. pre/sentes. pré/sente. Primeiro sente depois escreve e enquanto escreve sente, e o rizoma se constitui. E nesse instante, não há mais ordem a se seguir. Há apenas agenciamentos de desejos. Desejos que se produzem e fraturam a hegemonia do tempo colonial, criando contato com os fragmentos de cura que habitam as insurgências. Portanto, ziguezaguear pelas palavras, pra mim – e em mim –, funciona nesse completo descontínuo do sentir e do porvir.

Marconi Fonseca

entre deus e a janela

o olho acordou
não viu o que via
insistiu
e o que não via
passou a ver

em princípio
viu a si mesmo
no rosto do espelho
e sorriu

depois virou-se
viu paredes
objetos quadros
jarros
cachos de brinquedos
espalhados

crianças imóveis
compenetradas
num canto colorido
da sala

livros abertos
com rastros de dedos
por letras e páginas
depois dirigiu-se
à janela
e viu folhas e viu carros
e viu cães
e viu gente invisível
caminhando de mãos dadas
com a massa perfumada
do vento e dos pães

o olho viu
percebeu a grandeza
das coisas
e tempos simples

e resolveu andar
e andou

e se viu iluminado
solto na primavera

e saiu de si
virou pássaro

no espaço
inventado
entre deus
e a janela

Marconi Fonseca

o dia em que fiquei azul

certa vez fiquei
azul
por alguns segundos

engoli o céu
inteiro
-chão de nuvens-

estive a um passo
de virar anjo
no meio da rua

a correr atrás das pipas
pela flor da tarde
antes de o sol ser digerido
por algo chamado noite

coisas da infância
isso

meninos doidos
em cima das árvores
nadando por muros
escalando rios
seguindo procissões
imaginárias
de belas moças e saias
e loucos cães no cio

impregnados
do odor das praças
do perfume dos pães
da visão luminosa
dos vestidos

coisas da memória
isso

de lembrar de tudo
um pouquinho

até do dia
em que certa vez
fiquei azul

quando entrei sem ver
no olho encantado de um

passarinho

Marconi Fonseca

quando é ainda será

expressa-se
na manhã
que se arma
de sol
no olhar
da criança
ainda no sonho

de ser
no coração
do silêncio
que acolhe
o gesto do grito
no cisco
que cai
do céu
e vinga

expressa-se
na noite
que acende
a vida
essa luz
amor que é
será e foi
estrela ainda

Uma gota



Patrícia Peterli

CARTA PARA A PRESENÇA DE OTÁVIO

Otávio,

Tenho ouvido queixas de que a cidade anda morta. Meu coração-pivete ofendeu-se. É debaixo de uma marquise que ele sempre esteve, com os pés descalços, perambulando nas ruas, observando as casas e trocando de endereço. Há uma cidade invisível com corações batendo, vivos. Cartografando desgraças, esses corpos não passam pelo crivo daqueles que têm paredes para conterem ao menos um de seus medos. Otávio, meu menino, há corpos invisíveis que também sentem medo, mas vivem numa casa com lamparina de estrelas.

Chegaram notícias de um vírus tomando a rua. Há um poder soberano desejando tomar tudo, ordenando quem deve morrer ou deve viver. Que legisla sobre o que pode ser considerado vivo ou morto. Que produz mortos-vivos que sorriem com salários no bolso, ensinando como se deve viver e acreditando num mundo invisível. Veja, Otávio: há ruas mortas, povoadas por corações batendo. Porque só são considerados vivos aqueles que entopem as veias da cidade, como gordura nas artérias. Habitantes da cidade invisível podem morrer. Aos montes. São como o vírus.

Vírus invisível encontrando corpos invisíveis nas ruas da cidade-viva. Quem tem o poder de nomear as coisas, Otávio?

Das varandas dos condomínios, às 18h, vozes clamaram salvação a um Deus. O Deus-vivo é invisível e pode salvar. Corpos invisíveis podem morrer. Vírus invisível pode matar. O que você pode ver, Otávio? Você crê no invisível?

Nunca ouvi tanto falar em saudade. Eu tenho

medo de quando me dizem que o melhor tempo vivido é o passado. Lá de onde você veio, meu filhinho. Nas mãos, carrego a ilusão do agora e me basta. A quarentena é lá fora. O isolamento, aqui dentro. Se o coração bate, é por contágio, Otávio. A vida contorce é no invisível. O que salva ou mata. O que morre.

Toda revolução é subterrânea, subcutânea. A guerra se dá na superfície.

A cidade se move no pontocego, Otávio. Os corpos-vivos, a quem se deve proteger, sempre têm medo daquilo que não podem ver: dos habitantes da cidade-morta, do vírus ou de Deus. Será que só enxergamos a vida naquilo que treme de medo?

Escrevo essa carta na companhia do meu pé de alecrim. Sinto seu perfume invisível, que toma a sala. Endereço essas linhas a você porque, invisível que é, você se move e em mim tem presença.

Como um Deus, um vírus ou um andarilho.

Escrevo-te porque você é a presença que carrego no meu isolamento. Intermitente. Envio-lhe essas linhas porque meu coração está vivo e confio mais no seu pulsar do que no músculo. Antes da forma, há a força. As palavras são forma. A poesia, força. Escrevo-te porque as coisas não têm essência e um vírus, Deus ou a vida só tomam forma quando encontram um corpo. A vida é um sopro, Otávio. Você pode ver o vento?

A rua é mais limpa que a alma de muita gente. O que nos toca é a entrelinha, não a palavra. Que a poesia tenha vez, Otávio. Encontre corpos para sustentar-se e se espalhe, como um vírus.

Enquanto a rua enche, faça morada em mim.

Anita.

11 de maio de 2020.

Duplo sentido



Patrícia Peterli

LEMBRETES NO OLHO DO CAOS

Perdoar as próprias angústias
Reconhecer as vergonhas
Atentar para os que não sentem angústia
Velar por quem se percebe que já morreu
Incapaz de importar-se com o fio afetivo da vida.
Entender que soluções são construções
Longas, lentas, processuais
Nunca milagrosas
Jamais dispostas em manuais.
Apostar em diretrizes
E usar a experiência a seu favor
Questionar-se: do que me serviu toda a vida até aqui?
Observar a lucidez das crianças
que exercitam mais a dúvida do que o julgamento.
Permitir o desespero
Assumir o despreparo frente ao que nunca
experienciou.
Cuidar mais das certezas
do que do medo frente ao que não se tem resposta
Construir modos de cuidado que tateiem mais
afetos
do que pele
Aceitar que cuidar é não estar ao lado sempre
E que segurança é muito mais uma sensação
do que a presença física.
Buscar o que te faz mais seguro

E questionar se nada parece o bastante.
Perceber o que te faz balançar
para que alguma rede te apoie.
Desconfiar de qualquer ordem que te exija
harmonia
E lembrar que a paz requer muita dor para se fazer
valer
Portanto, afirmar o direito de sangrar, se preciso
for
para conquistar um território de possíveis ao seu
redor.
Saber que as mulheres são mais fortes frente ao
caos
Porque entenderam desde a primeira tragada de ar
o que deve ser vencido no braço e
o que deve se amparar pela via do afeto.
Aceitar que vão acolher antes de tudo a si mesmas
E que não são as cuidadoras do mundo.
Aprender com elas
Não atribuir a elas o imperativo do cuidado
como desejaram até aqui.
– Vocês morrerão à própria sorte–.
Porque um novo chão está se fazendo
E nele venta forte
E ele grita feito uma mulher dando à luz
E ele exige que embalar Mateus
não seja ofício de quem o pariu
Mas que cada filho do mundo
seja embalado como se fosse seu.
Produzir um corpo que te sustente com vida
Antes de produzir capital

que te mantenha de pé
Lembrar que a crise só se instaura
Porque o velho não se suportou
E o novo precisa ser inventado.
Lembrar do risco do pânico
Que faz querer agarrar-se ao velho
A defender “o seu” a todo custo
A te engessar à figura do indivíduo e às ciladas do
“eu”
Guiar a raiva para que ela não te destrua
Projetá-la para tudo aquilo que apequena ou
assujeita a vida
E compreender que podes anestesiar
o teu corpo e os teus dias
Que podes usar toda tecnologia que
iluda ou mascare o gotejar do tempo
Mas será irremediável aceitar que
Toda crise só é superada
Quando se pare um mundo novo
Sem barreiras entre o fora
e o dentro.

-Patrícia Peterli-

30 de março de 2020

Marina Fortunato

LEMBRETES NO OLHO DO CAOS

Penso que devo observar animais a caçar. Admirar
como se mostram os músculos das coxas felinas
que correm pela savana atrás de suas zebras.
Tenho vontade de pisar no mato seco, de queimar

ao sol e solo africano e, de quatro, espreitar a carne. Olhar felinamente entre o mato e ensinar ao meu filhote que na jugular não tem erro. Não preciso ser felina, nesse caso, é só questão de identificação. O que precisa mesmo é ser selvagem. Eu moro na selvageria, eu moro na poça de sangue. Também tenho me assemelhado às cobras, porque gosto de me rastejar. Dizem que os olhos da alma moram nas solas dos pés, porque é de lá que se vê a terra. Mas cobra não tem pé! É o próprio corpo inteiro que em silêncio se arrasta em direção ao bote. O olho da alma é, na verdade, o próprio corpo da cobra. No baralho cigano, a cobra tem mais de um sentido e significado, mas em primazia significa alerta, atenção. Pra dar o bote, é preciso silêncio. Pra pisar no mato, não pode ter barulho, porque, senão, não tem jugular. Senão, não tem caça, não tem sangue pra escorrer. Mais do que tudo isso, preciso ensinar meu filhote a correr. Mesmo que, pra isso, se abandone o silêncio.

Percebi que muito falo com ele de comunismo, mas muito pouco de predador. Embora rosnemos ao capitalismo, tenho mostrado como escapar de suas garras? Não. Não, porque também não sei. Nessa selva, eu também sou presa fácil. Eu também não sei correr tão bem assim. Mesmo pisando em silêncio, mesmo me rastejando em mato. Podemos até traçar a caçada ao farejar o futuro, mas o predador procria como um coelho e corre como um jaguar. Corre atrás do tempo até parecer mais veloz que ele. As histórias contam que o mago fracassado é aquele que tenta voar mais alto que o céu, neste caso, tenta correr mais rápido que o tempo. Assim, por exemplo, Ícaro teve suas asas queimadas e caiu. Voou perto demais do sol. Tenho a impressão de que essa é a lei. Lei que diz sobre os mitos da falência. Há de cair, há de morrer. Mas, enquanto isso, não sou eu quem vou ficar olhando para o céu. Vou vendo como

ensinar a se desdobrar como gente, caçar que nem onça, rastejar feito cobra. No final, terei fracassado inúmeras vezes. Vão me culpar por tudo, vão esquecer meu nome e me chamar por mãe. Até lá, vamos comendo da carne e bebendo do sangue de cada um desses aí. Mas em silêncio e pela jugular.

Jugular – Marina Fortunato – Diário de quarentena

Dimitri Fortunato (8 anos)

(Título em aberto para livre interpretação)

Água cai água pinga

Sei que não gosta de seringa.

Vamos lutar de corpo inteiro, tudo contra o governo... eu e você

[iê iê iê iê iê.

Posso parecer...que não consigo cumprir o dever...

Mas tem que conhecer para isso dizeeeeer...

Eu sou louco, mas quem não é?

O livro se diz sábio? O criador mentiu pra nós

Mas será que é verdade? Quem tem lealda de?

Dimitri Fortunato (8 anos)

Poema que é poema

Eu sou um poema

E gosto de rimar

Belo eu sou sem querer me gabar

Eu me acho mais belo que o mar

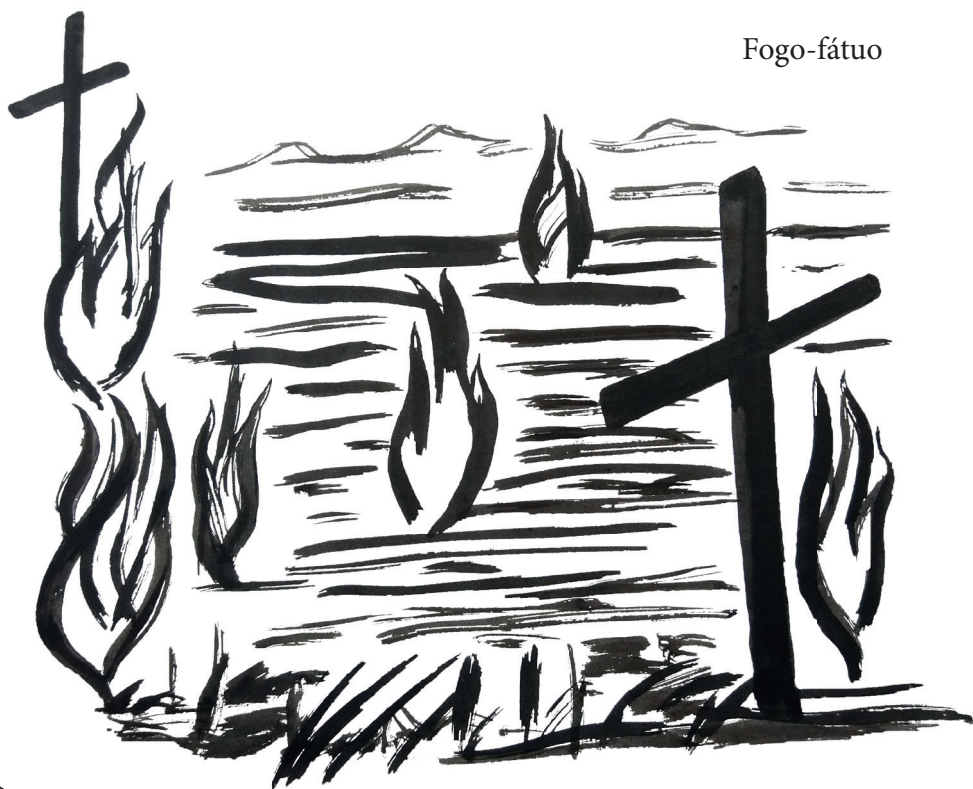
Podem me achar chato
Mais eu sou grato
Me acham lento
Pelo menos não sou tormento
Leve como o vento...

Carolina Rocha

Os confinados

Diário de um confinado
Pode tentar não ser quadrado
Mas qual grupo quer ser mostrado?
Diário de um confinado
Álcool em gel para todo lado
Máscaras, homeoffice, estar sozinho e terapia
Ter uma internet que não falha, não mia
Seria a opção da maioria?
Mas tem quem assiste e se sente identificado,
Por estas iguarias de um confinado..
Problema nenhum
O problema é achar que é assim que se dá por todo
lado
E que todo confinado tem computador, celular 4g e
entrega de pizza
Tá difícil, né, meu parça
Mas tem gente que sabonete é muito caro
Dentre outras regalias.
A gente precisa resolver algumas coisas antes
Antes de generalizar todo confinado!

Fogo-fátuo



m o

o fim do indivíduo, que, dividido, é subtraído
ou talvez traído, por ter submetido, envelhecido
arrastado, invisível, nunca teria existido
ou talvez ouvido, o sussurro cumprido, sofrido
da vida, do morro, do outro indivíduo
que, no alto, é perdido
que espelha ausência, a vergonha de não ter vivido
sussurrada no ouvido, não escuta, transmuta, o
passado partido
envolve, entrega, dói, lento no tempo perdido
não morre, mas não permanece, sobe, desaparece,
pois nunca foi vivo

Maria Carolina Freitas

Marco Marciano

Este é o marco marciano. Não sei contar que dia é
hoje, embora saiba sua data.

Este tempo... escorregadio.

Marco zero.

Não porque seja o ponto de início. Nunca sabemos
qual o início das coisas.

Diria Deleuze: estamos sempre no meio. Diria
Drummond: sempre chegamos cedo demais,
sempre chegamos tarde demais.

Mas a sensação, por ora, é a de que não sabemos
nada das chegadas.

O ímpeto é o de construir um ponto equidistante
entre o atlântico e o pacífico...

Tentar uma visão... um devir índio... índio que virá...

virá que eu vi.

Não sei.

Retorna-me a voz daquela velha preta.

No pensamento lá estão elas: algumas imagens das mulheres pretas. Como são fortes as mulheres. E uma delas tem o nome de minha mãe. Como são fortes certas mães, senão todas. Como são loucas e divinas. Como são sanguíneas, úmidas, cavernas e colos, como são medicinais, como são suores, quentes e lágrimas. Como são memórias. Correntes. Fluxos e passagens.

Meu corpo inteiro dói. E ainda não sei a resposta a Neruda: “o que pesam mais na cintura: as dores ou as lembranças?” Só, sinto com ele: nada se repete. Tudo se repete. Mimese infinita do diferir-se. Enigmaticamente, isso.

E o mundo quando parece desabar, está ele a reluzir. Difícil paradoxo de penúria.

Tenho todo o sentimento do mundo e, talvez, menos que duas mãos.

Tantos meninos na rua, tanto choro e vela, tanta interrupção à espreita, tantos martírios esquecidos, outros apagados, tantos ainda ignorados.

Ignóbeis homens mesquinhos: como podem fechar os olhos às misérias do mundo? Em qual travesseiro podem repousar suas cabeças de papelão?!

Mas é tarde. Minha filha dorme ao lado. Meu homem ainda trabalha. E a despeito da roda viva, que permanece a girar ... apesar da guerra que se insinua e das posições que se configuram à revelia de nossos desejos de potência e conexão ... lá fora também faz algum frio e o corpo pede água quente e meia luz. Fogo? Pedras? Pólvora?

Talvez, apenas descanso.

Lembrar que o descanso justo é aquele que realimenta outra luta amanhã. Insistência viva. E escuto a vozinha da menina antes de dormir: “Até que foi bom...” conseguindo entregar-se, depois da peleja do dia, nos braços dos sonhos que a escuridão pode trazer.

Diário de quarentena – 14/05/2020.

Maria Carolina Freitas

Diários de Quarentena – 24/06/2020

Ele havia feito uma intervenção poderosa. Não sei se intencionalmente.

As coisas são mais poderosas quando vêm inconscientemente, pois mostram a intensidade que têm. É que acabou por inverter o pensamento nietzscheano de forma ainda mais audaciosa.

Ao abismo que olha para dentro de ti, se olhares demasiadamente para ele, ele apontou: pode-se olhar para o oceano. O oceano pode olhar de volta para gente.

O oceano olha pra gente.

Foi então que me lembrei do ensinamento de Ginzburg, tal como Estier, de Proust, a necessidade de pintar o mar ao revés.

Pintar o mar ao revés.

Como nos aponta Matilde Campilho: “é bom renovar o espanto da gente”. Ou como descobre Graciliano Ramos em “Infância”: os ossos dos mortos serão também como os nossos, amanhã.

Há algo que nos liga. E, também, há algo que nos ultrapassa.

É preciso contar as mortes. Contar as lutas. Contar os dias. Mas muito mais preciso é empenhar o vivo, cotidianamente, cultivando seu espanto. Sua

in-fância. Mia Couto nos mostrou: buscar falar as línguas incommunicáveis. As línguas invisíveis. Aquelas do caos seminal. A língua que todos um dia tivemos. Uma língua compreendida apenas em linguagem onírica. Mágica.

E ao mesmo tempo em que descobriríamos, assim, não escapar à morte, conseguiríamos, ao menos, enfrentá-la. Balbuciando uma linguagem sonhada, caótica. Também fio de ouro, de algodão doce, ela frágil e, paradoxalmente, potente.

Quase como uma linguagem original. Ou aquela que encontraríamos na hora das passagens, das portas entreabertas, revelada a autoridade moribunda. O susto do justo.

Daquilo de que não se foge, e sim que se encontra.

À amiga querida, eu diria: sim! Nosso corpo dói. A luta diária contra os males crescentes têm se tornado insuportável. Mesmo assim, insistimos. O mar olha pra gente. O oceano, ao contrário, torna-se horizonte. E o horizonte nunca é uma linha estável.

A estabilidade é uma ilusão danosa. Nos incita ao cansaço porque nos põe a esperar.

Não esperemos.

Do caos e do abraço à pedra é que descobrimos nossa força. Nós de força.

Aos amados, debruçar-nos em costura de pontos de alegria e quentura, para algum conforto, onde repousar a cabeça. Dia seguinte, levantar. Despedir, voltar. Ainda quando privados dos abraços.

Insistamos.

Busquemos a língua in-fans. Aquela que brinca diante mesmo do perigo.

Ao amante, emprestar a sede. Dividir vinho rubro.

Encontrar o gozo perdido. Ainda que por um breve segundo esvanecescente.

Aos amigos, confabular sonhos. Confabular lutas.

Traçar coletivos de olhos atentos, escancarar o que os criminosos temem: fazer a política da amizade vibrar, ressoar, atingir, até que eles tenham o próprio mal e amargura.

Daí acolher os pequenos e suas palhaçadas para nos lembrar que somos capazes ainda de rir, gargalhar, encontrar graça e beleza para alimentar o espírito e a palavra. Eles nos oferecem os banquetes. Aceitemos. Partilhemos.

E assim, os joelhos desconjuntados se erguem e os olhos tornam a fitar o infinito.

Maria Luisa de Andrade Freitas

Minha trepadeira brotou hoje. Num movimento de resistência e rebeldia, aquele raminho magrinho, que me deram em Olinda, mostra a potência de sua pulsão de vida. Me emocionou ver sua forcinha, arrebrandando o caule quase desenganado, como se me dissesse: “é assim, moça, que a gente resiste, com calma e persistência”. O brotinho conseguiu me fazer dizer a um aluno aflito que, apesar do cenário caótico, estamos vivos e, assim, podemos resistir. Percebi seu abdômen se inflando, como se tivesse tido três segundos de sossego e confiança. É no presente que a gente germina e salva segundos.



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS | 
UNIDADE DIVINÓPOLIS



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

ISBN: 978-65-00-14679-0